



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO
21 - 23 | Setembro | 2022

AVALIAÇÕES EXTERNAS, DECOLONIALIDADE E MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS: ALGUMAS LEITURAS

Dayani Quero da Silva⁹
<http://orcid.org/0000-0003-3840-9760>

Resumo: Neste texto apresento travessias que compõem minha pesquisa de doutorado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) - Campus Campo Grande. A pesquisa é pautada no interesse de investigar significados produzidos por sujeitos do contexto educacional, atravessamentos, afetos, dilemas, potencialidades acerca de avaliações externas que acontecem nas escolas de Educação Básica e, especificamente, em suas salas de aula de matemática. Para isso, assumindo uma opção decolonial, apresento recortes de diálogos com atores educacionais, e com noções do Modelo dos Campos Semânticos uma tentativa de operar em um espaço de possibilidades por avaliações externas (matemáticas) outras.

Palavras-chave: Educação Matemática; Políticas Educacionais; Avaliação em Larga Escala; Leitura Plausível.

Escrever nem uma coisa
Nem outra –
A fim de dizer todas –
Ou, pelo menos, nenhuma.
Manoel de Barros

⁹ Doutoranda em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campo Grande. E-mail: day_dayani@hotmail.com.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

E o que eu quero dizer com isso? Algumas coisas. Sentir. Tentar, em meio a recortes e escritos, produzir uma narrativa para me inventar e viver meu lugar de fala. Afinal, você ainda não sabe bem onde estou e, para vir falar comigo e para nos entendermos, precisa saber meus lugares (LINS, 1999).

P
S E R A
S O U
U F T
J E O
PESQUISADORA
I S A
T O
O R
ALUNA

Figura 1: Se é que sou.
Fonte: Autoria própria, 2022.

Falo como sujeito da minha própria história. Falo com Manuel de Barros para sustentar o discurso de uma vida que me permite atuar nas fissuras como lugar de produção de possibilidades, que me autoriza percorrer caminhos para pensar em escolas, em avaliações externas, em matemáticas, em educações matemáticas, e em ...

quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê? O que é conhecimento? Que conhecimento é reconhecido como tal? E qual conhecimento não é reconhecido? Que conhecimento é esse? Quem é autorizado a ter conhecimento? E quem não é? Que conhecimento tem sido parte das agendas acadêmicas? Quais conhecimentos não fazem parte? Que conhecimento é esse? Quem está autorizado a ter esse conhecimento? Quem não está? Quem pode ensinar esse conhecimento? Quem não pode? (Grada Kilomba, 2016, tradução nossa).

Assim, o objetivo deste texto (um ensaio, uma experimentação) é apresentar discussões, conversar com neutralidades de avaliações externas e invisibilidades de diferenças, com possibilidades outras em salas de aula de matemática.



Algumas notas acerca de avaliações externas, atitudes decoloniais e Modelo dos Campos Semânticos

Em um suposto antes, apenas por uma comodidade da escrita linear, apresento algumas notas acerca de algumas discussões que atravessam este movimento de pesquisa. Com elas, minha intenção é apenas demarcar alguns lugares como convite para produções outras. Permito-me inventar com avaliações externas, atitudes decoloniais e algumas noções do Modelo dos Campos Semânticos.

Avaliações Externas

Frente ao processo educacional e redesenhando o papel da escola, do ensino e da aprendizagem, relativos à dinâmica da sala de aula de matemática, esbarra-se com a prática avaliativa e suas potencialidades. Nesta direção, falando em avaliações externas, Freitas (2009, p. 47), diz que “é um instrumento de acompanhamento global de redes de ensino com o objetivo de traçar séries históricas do desempenho dos sistemas, que permitam verificar tendências ao longo do tempo, com a finalidade de reorientar políticas públicas”.

Vianna (2005, p. 16) argumenta que o processo de avaliação externa

não deve ficar restrito a um simples rito da burocracia educacional; necessita integrar-se ao processo de transformação do ensino/aprendizagem e contribuir, desse modo, ativamente, para o processo de transformação dos educandos.

Dias Sobrinho (2001) indica que esse tipo de avaliação aparece como um mecanismo de seleção e distribuição de indivíduos nos lugares sociais e nas hierarquias de poder e prestígio em diferentes localidades do mundo.

Falo, então, em possibilidade a partir desses resultados. A avaliação externa acontece. A prova é aplicada. Os números são divulgados. E, o que fazer com isso?

Atitudes Decoloniais

Em termos de fazer, de atitudes, assumo o termo decolonial na direção de operar em um espaço de possibilidades, de “[...] criar outra maneira de entender, outra maneira de



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

articular conhecimentos, práticas, [e] sujeitos” (SANTOS, 2007, P.39), sujeitos esses que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”. (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 28).

Com isso, aproveito para pensar em que escola é desejável e em outras invenções e possibilidades para as avaliações para constituir essa escola, escapando e subvertendo de alguma maneira os caminhos ditados pelo sistema, reconhecendo sujeitos individuais, coletivos silenciados, afirmando a diferença como potência de vida, é resistir.

Modelo dos Campos Semânticos

O Modelo dos Campos Semânticos se constitui como uma teorização que oferece algumas noções e possibilidades de produzir leituras de processos de interação. Entre outras possibilidades, o que me interessa com esse quadro de referência, é a chance de ler e produzir com o que acontece em uma situação, e aqui com os atravessamentos das avaliações externas em uma escola da Educação Básica do estado do Paraná. Nesta nota, apresento meu modo de caracterizar algumas noções que me possibilitam produzir leituras, sendo elas: conhecimento, interlocutor, significado, objeto e leitura plausível.

Com Lins (1999, p.84) digo que “conhecimento é algo do domínio da enunciação, e não do enunciado, e que, portanto, todo conhecimento tem um sujeito (do conhecimento, e não do conhecer).” E mais, “um conhecimento consiste em uma crença-afirmação (o sujeito enuncia algo em que acredita) junto com uma justificação (aquilo que o sujeito entende como lhe autorizando a dizer o que diz) [...] e não faz sentido sem o interlocutor em direção ao qual este conhecimento é enunciado.”

Quanto ao interlocutor, ou uma direção de interlocução, assumo com Paulo (2016, p. 16), que

é uma direção na qual se fala, não necessariamente que se imagine uma pessoa sempre que está falando. [...]. Acredito que o interlocutor pode ser dito como direção, porque eu o constituo a partir de legitimidades que cerceiam o que estou dizendo e me limitando a dizer certas coisas dentro daquela cultura.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Quanto ao termo significado, uma caracterização possível é o “conjunto de coisas que se diz a respeito de um objeto. Não o conjunto do que se poderia dizer, e, sim, o que efetivamente se diz no interior de uma atividade.” (LINS; GIMÉNEZ, 1997, p.145-146).

Já a noção de objeto, digo que estes

[...] são constituídos enquanto tal precisamente pela produção de significados para eles. Não se trata de ali estão os objetos e aqui estou eu, para a partir daí eu descobrir seus significados; ao contrário, eu me constituo enquanto ser cognitivo através da produção de significados que realizo, ao mesmo tempo em que constituo objetos através destas enunciações. (LINS, 1999, p. 86).

Como leitura plausível, segundo Lins (1999, p. 93), é “toda tentativa de se entender um autor deve passar pelo esforço de olhar o mundo com os olhos do autor, de usar os termos que ele usa de uma forma que torne o todo de seu texto plausível”. A leitura do pesquisador não tende a ser neutra, no entanto, deve-se levar em consideração o critério de leitura nunca será plausibilidade, tendo coerência ao se analisar e não o julgamento pela verossimilidade.

Em meio a essas proposições éticas, teóricas e políticas, teço algumas produções outras com cenas que atravessam minha pesquisa.

Discussão 1: Neutralidades de avaliações externas e invisibilidades de diferenças

Pensando em termos de conhecimento, afirmo que as avaliações externas carregam traços com caráter regulador e indutor curricular. Com o diálogo de Cleyton Hércules Gontijo, um dos participantes da pesquisa, digo que

/.../ as avaliações externas são preparadas, por meio da orientação técnica, sem trazer vieses culturais que prejudiquem a compreensão dos itens da prova levando prejuízos para os alunos. As questões não usam expressões regionalistas, porque isso pode ser um elemento que possa provocar prejuízo para o aluno na prova. Elas trazem uma linguagem universal, que todo e qualquer brasileiro tem condições de compreender.

Walsh (2009), afirma que, muitas vezes, o conhecimento [epistemológico e hegemônico] (matemático) alimenta e mantém as estruturas opressoras da sociedade, devido às condições de produção e por impossibilitar que os alunos proponham explicações autênticas para a realidade que os cercam e problematizam estruturas e desigualdades que



SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO

21 - 23 | Setembro | 2022

constituem suas vidas e de outros alunos, em diferentes lugares. E, diante disso, argumento que as avaliações que acontecem nos espaços escolares se constituem como um reforço para a manutenção deste sistema.

Na lógica, em uma escola que tem seu trabalho pautado no discurso da melhoria da qualidade da Educação, que tem como meta um bom Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), não opera em um campo de possibilidade de ser sujeito, de produção de significados.

Nesta direção, Cleyton afirma que os professores precisam conhecer acerca da avaliação externa. Comenta, ainda, que é preciso entender a avaliação nos seus três níveis: avaliação externa, avaliação institucional e avaliação da aprendizagem, e que os professores não deveriam ler os resultados das avaliações externas se não forem fazer avaliação institucional e ler os resultados da avaliação em sala de aula, porque essas três coisas precisam ser trabalhadas integradas.

Com Gomes (2019, p.187) afirmo que mesmo diante dos avanços das avaliações externas, os efeitos dessas políticas nas escolas, nas salas de aula, têm inviabilizado as diferenças e instaurando atitudes reprodutoras e não transformadoras, de produção.

Jader relata que pensa que as avaliações externas têm grande potencial para a dinâmica de sala de aula. E que precisamos, na escola, pensar o seguinte: os nossos alunos tiveram média 500, significa que eles sabem 'isso', falta aprender 'isso', porque eles deveriam saber 'isso'. Então, qual será a nossa tomada de decisão com esses resultados e interpretações?

As avaliações externas operam segundo uma lógica da neutralidade na qual se constitui um processo de invisibilização de alunos, professores, dilemas, possibilidades, sorrisos e tristezas, entre outras relacionalidades que acontecem em uma escola. A questão não é ser a favor ou contra a elas, mas sim operar com narrativas de suas implementações nas escolas.

Como lidar com uma neutralidade que produz invisibilidade?

Que efeitos isso produz na escola?

Como pensar em possibilidades na escola com avaliações externas outras?

Discussão 2: Singularidades e particularidades de uma escola: possibilidades

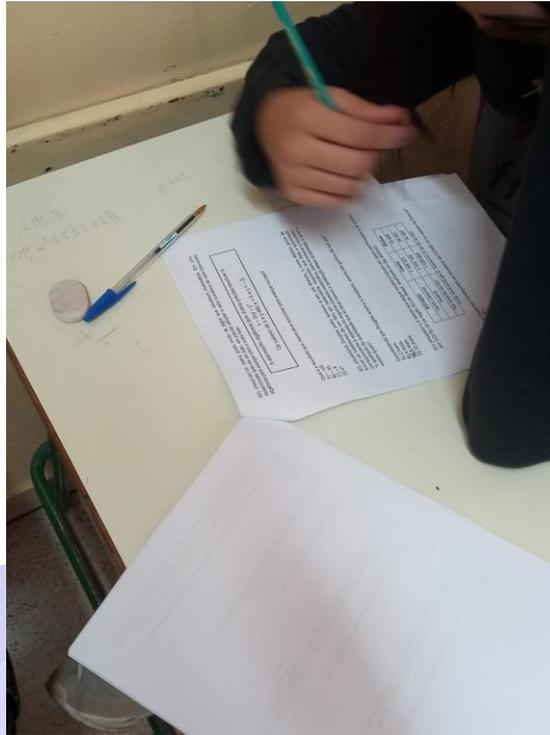


Figura 2: O que acontece na escola.
 Fonte: Autoria própria, 2022.

Sem a intenção de diagnosticar um (alguns) problema (s) a fim de resolver (los), aqui, manifesto um talvez - um operar nas fissuras como lugar de produção de possibilidades, em devires. Isto é,

não pretendo simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial; passar de um momento colonial a um não-colonial, como se fosse possível que os rastros dos empregadores deixassem de existir. A intenção, ao invés, é acentuar e provocar um posicionamento – uma postura e atitude contínua – de transgredir, intervir, insurgir e incidir. (WALSH, 2009, p.14-15).

Pensando que, no limite, a escola e todo sistema escolar acontece de modo a fazer com que alunos aprendam conteúdos na esperança de que com isso, seja possível construir outra sociedade. E, que as avaliações (externas) que acontecem nas salas de aulas de matemática, reproduzem consensos já projetados pelo sistema e que faz com que o sistema continue como está, mantendo sua estrutura de poder vigente, uma alternativa é poder compor com o que acontece.

A avaliação externa acontece.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

Os resultados acontecem.

O que fazer com isso?

Reconhecer trajetórias de vida, de diferenças?

Torcer?

(De)silenciar?

Re(existir)?

REFERÊNCIAS

DIAS SOBRINHO, J. Campo e caminhos da avaliação: a avaliação da educação superior no Brasil. In: FREITAS, L. C. (Org.). **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2001.

FREITAS, L. C. **Avaliação educacional: caminhando pela contramão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GOMES, C. M. **Currículo e a Avaliações em larga escala: os gestores de escolas com alto Índice de Desenvolvimento da Educação Básica IDEB**. 2019. 215p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS.

KILOMBA, G. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast. Verlag, 4. ed, 2016. 151 p.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Cobogó. 2019.

LINS, R. C. Por que discutir Teoria do Conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas**. Rio Claro: Editora UNESP, 1999. p. 75 – 94.

LINS, R.C.; GIMENEZ, J. **Perspectivas em aritmética e álgebra para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1997.

PAULO, J. P. A. Contando uma história: ficcionando uma dissertação sobre a relação entre professor e aluno. 2016. 136 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio ClaroSP, 2016.

SANTOS, B. S. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. Boitempo. 2007.

VIANNA, H. M. **Fundamentos de um programa de avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.



**SEMINÁRIO 30 ANOS DO MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS
INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO IFSP – CAMPUS SÃO PAULO**

21 - 23 | Setembro | 2022

WALSH, C. **Interculturalidad**, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época.
Ediciones Abya-Yala, 2009.

